RBCE
Revista Brasileira de Ciências do Esporte

Painel

# O humano e o pós-humano: repensando a Copa do Mundo de 2026[1]

## The human and the posthuman: rethinking the 2026 World Cup

Lo humano y lo poshumano: repensando la Copa Mundial de 2026

Carmen Rial[a]

**Palavras-chave:**
Futebol;
FIFA;
Migrações;
Geopolítica;
Tecnologia;
Copa;
Nacionalismo;
Torcedores;
Globalização.

**RESUMO**
O artigo analisa a Copa do Mundo FIFA de 2026 como um laboratório das transformações contemporâneas que articulam futebol, tecnologia, política e mercado. A partir de uma perspectiva antropológica centrada no jogo, discute a expansão global do futebol, o crescimento do futebol de mulheres, as inovações táticas e a incorporação da inteligência artificial ao esporte. Argumenta que a Copa evidenciou o avanço da mercantilização, das ingerências políticas e do controle algorítmico, mas também preservou espaços de criatividade, improvisação e autonomia, reafirmando o futebol como um observatório privilegiado das dinâmicas sociais contemporâneas.

**Keywords:**
Football;
FIFA;
Migration;
Geopolitics;
Technology;
World Cup;
Nationalism;
Fans;
Globalization.

**ABSTRACT**
This article analyzes the 2026 FIFA World Cup as a lens through which to examine contemporary transformations linking football, technology, politics, markets, and nationalism. From an anthropological perspective centered on the game, it discusses the global expansion of football, the rapid growth of women's football, tactical innovations, and the incorporation of artificial intelligence into elite competition. It argues that the tournament revealed increasing political interference, commercialization, and algorithmic control, while also preserving spaces for creativity, unpredictability, and human agency. Ultimately, the World Cup emerges as a privileged site for understanding the tensions between technological rationalization, geopolitical power, and the enduring emotional and symbolic dimensions of football.

**Palabras clave:**
Fútbol;
FIFA;
Migración;
Geopolítica;
Tecnología;
Copa del Mundo;
Nacionalismo;
Aficionados;
Globalización.

**RESUMEN**
El artículo analiza la Copa Mundial de la FIFA 2026 como un laboratorio privilegiado para comprender las transformaciones contemporáneas que atraviesan el fútbol, la tecnología, la política y el mercado. Desde una perspectiva antropológica centrada en el juego, examina la expansión global del fútbol, el crecimiento acelerado del fútbol femenino, las innovaciones tácticas y la incorporación de la inteligencia artificial al deporte de alto rendimiento. Sostiene que el Mundial puso de relieve la creciente mercantilización del fútbol, las injerencias geopolíticas y el avance del control algorítmico, sin eliminar los espacios de creatividad, improvisación y autonomía que continúan caracterizando el juego. El fútbol aparece así como un observatorioprivilegiado para comprender las tensiones entre tecnología, poder y experiencia humana en el mundo contemporáneo.

[a] Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Estudos do Futebol Brasileiro, Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Florianópolis, SC, Brasil.

[1] Este artigo retoma ideias anteriormente expostas em textos publicados por mim no Blog Bate-Pronto, do INCT Futebol e acessíveis online.

***Autor correspondente:**
Carmen Rial
E-mail: carmen.rial@ufsc.br

Recebido em 28 de julho de 2026; aceito em 22 de agosto de 2026.

Editores(as) responsáveis:

Editor Executivo: Pedro Otavio Pimpim Bezerra

Editor Final: Ari Lazzarotti Filho

**DOI: https://doi.org/10.1590/rbce.48.e20260209**

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution (https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

A Copa do Mundo de Futebol[1] de 2026, como sabemos, representou um marco na história desse esporte. Pela primeira vez, o torneio reuniu 48 seleções nacionais, provenientes de todos os continentes, ampliando significativamente um formato que permanecia praticamente inalterado desde 1998. A expansão não constituiu apenas uma mudança quantitativa. Ela expressou a extraordinária difusão global do futebol ao longo do último século e revelou novas estratégias de crescimento da FIFA, cuja atuação, especialmente desde a presidência de João Havelange (Burlamaqui 2021) buscou incorporar sucessivamente regiões ainda pouco integradas ao circuito internacional do esporte[2]. Se o futebol de homens parece aproximar-se de um limite de expansão geográfica, o feminino tornou-se a principal fronteira de crescimento da entidade.

Durante décadas, a estratégia da FIFA consistiu em incorporar novos mercados ao futebol praticado por homens. A consolidação do esporte no Oriente Médio, impulsionada pelos investimentos oriundos do petróleo; a penetração nos mercados asiáticos, inicialmente por meio do Japão e da Coreia do Sul e, posteriormente, da China; e, mais recentemente, o crescimento da Major League Soccer nos Estados Unidos e no Canadá ilustram esse movimento. Hoje, porém, a expansão mais promissora encontra-se no futebol praticado por mulheres[3].

Esse crescimento adquire significado ainda maior quando lembramos que, durante boa parte do século XX, as mulheres foram sistematicamente afastadas do futebol em grande parte do mundo. Na Europa e na América Latina, diferentes formas de proibição ou restrição permaneceram vigentes até as décadas finais do século passado; em outros países, limitações semelhantes persistiram por mais tempo. A mudança recente decorre, em larga medida, da própria política da FIFA, que passou a exigir de clubes e federações nacionais a manutenção de departamentos de futebol "feminino" como condição para participação em competições de homens organizadas pela entidade. Embora essa política tenha produzido avanços importantes, permanece evidente a desigualdade estrutural entre as modalidades, expressa na diferença salarial, na infraestrutura oferecida às atletas e na própria estabilidade institucional desses departamentos.

Grande parte das análises produzidas pelas ciências sociais sobre as Copas do Mundo privilegiou os significados políticos e culturais desses megaeventos. Antropólogos, sociólogos e cientistas políticos interpretaram o torneio como uma celebração das nações, um espaço privilegiado para a produção de identidades nacionais e para a circulação de imagens globais. Damo e Oliven (2014), por exemplo, aproximam a Copa do *potlatch* descrito por Marcel Mauss, (1925) enfatizando sua combinação singular entre competição e reciprocidade. Outros autores chamam atenção para sua centralidade no *mediascape* contemporâneo (é o evento televisivo mais assistido no mundo), enquanto estudos inspirados em Anderson (2020), Billig (1995) e Hobsbawm (1977) ressaltam o fortalecimento dos sentimentos nacionalistas que acompanham o torneio.

Muito menos frequentes, entretanto, são os trabalhos que voltam seu olhar para o interior do próprio jogo. As transformações táticas, os gestos técnicos, as mudanças regulamentares, a circulação de estilos e as inovações produzidas no campo permanecem relativamente pouco exploradas pelas ciências sociais, embora constituam o núcleo da experiência futebolística. Pesquisadores da Educação Física têm dedicado maior atenção a essas questões.

Historicamente, cada Copa do Mundo funcionou como um laboratório de experimentação. O encontro entre diferentes tradições futebolísticas permitiu a circulação de sistemas táticos, métodos de treinamento e formas de jogar que, posteriormente, foram incorporados aos campeonatos nacionais. Algumas dessas inovações tornaram-se marcos na história do esporte, como o futebol moderno da seleçõ brasileira que aliava técnica à preparação física, ou o chamado "futebol total" da seleção holandesa de 1974, liderada por Johan Cruyff. Outras produziram mudanças mais discretas, mas igualmente duradouras.

Hoje, a circulação dessas novidades ocorre muito mais rapidamente graças às transmissões globais das principais ligas nacionais. Um torcedor em Cabo Verde pode acompanhar semanalmente partidas do Campeonato Brasileiro; um brasileiro assiste à Premier League inglesa, ao Campeonato Saudita ou à Liga dos Campeões sem sair de casa. Ainda assim, o futebol continua apresentando certo caráter insular. Clubes pertencentes a diferentes continentes raramente se enfrentam em competições oficiais, o que se globaliza são as imagens. Assistir ao Benfica jogar contra o Internacional de Porto Alegre - como ocorreu na inauguração do Beira-Rio, em 1969, quando Eusébio marcou um dos gols da partida - continua sendo uma exceção. O recente Mundial de Clubes ampliado representa uma

[1] Nesse texto, quando escrever Copa ou Copa do Mundo estarei me referindo a Copa do Mundo disputada por homens.

[2] A evolução do número de participantes evidencia esse processo. A primeira Copa, realizada no Uruguai em 1930, contou com apenas treze seleções. Em 2014, no Brasil, já eram trinta e duas; em 2026 serão quarenta e oito. Entre as mulheres, a expansão foi ainda mais rápida: doze seleções participaram da edição inaugural, na China, em 1991; dezesseis estiveram presentes em 2003, nos Estados Unidos; trinta e duas disputarão o Mundial do Brasil em 2027, e a FIFA já aprovou sua ampliação para quarenta e oito equipes a partir de 2031.

[3] As transações de futebolistas já superaram 1 milhão de dólares (caso da brasileira Kerolin atacante ex Manchester City que chegou ao Barcelona por preço recorde de 1,5 milhão de euros em 2026). No futebol de homens, isso só aconteceu em 1970.

tentativa de reduzir esse isolamento histórico, embora reúna apenas uma fração ínfima dos clubes filiados à FIFA.

Que tendências técnicas marcaram a Copa de 2026? Se tomamos o resultado, temos que concluir que permaneceu dominante o modelo baseado na posse de bola e no *tiki-taka*, associado ao Barcelona de Guardiola e à seleção espanhola. Mas vimos consolidar-se ao lado desse um futebol orientado pelas transições rápidas e pelos contra-ataques verticais. E essa poderia ter sido também a Copa da bola parada, mas não o foi.

O Arsenal, campeão da Premier League, tornou-se o exemplo mais acabado dessa transformação no futebol. Escanteios e cobranças de falta próximos à área transformaram-se em sofisticadas sequências coreográficas, cuidadosamente ensaiadas. Atacantes cruzam trajetórias, bloqueiam marcadores e ocupam espaços segundo movimentos previamente definidos, produzindo um grau de organização impensável há poucos anos. Grande parte dos gols do Arsenal nascem de jogadas de bola parada meticulosamente planejadas.

A origem dessa inovação é reveladora: um integrante da comissão técnica de Mikel Arteta inspirou-se nas movimentações utilizadas no basquetebol durante reposições de bola e adaptou aquele repertório ao futebol.

Essa circulação de gestos entre modalidades esportivas não constitui novidade. O sociólogo Gilberto Freyre (1945) já havia associado a ginga da capoeira ao estilo brasileiro de jogar; atualmente, atletas de alto rendimento de diversas modalidades - entre eles Novak Djokovic - utilizam exercícios inspirados na capoeira como parte de sua preparação física. Ronaldinho Gaúcho incorporou ao futebol movimentos característicos do basquete, como olhar para um lado e passar a bola para o outro. Ou seja, os esportes dialogam permanentemente entre si, compartilhando técnicas corporais, gestos e formas de mover o corpo. Em sentido próximo ao conceito de intertextualidade formulado por Umberto Eco (1986) ou o de dialogismo entre discursos (Bakhtin 2011), poderíamos dizer que também existe uma intertextualidade ou um dialogismo entre práticas esportivas. As Copas do Mundo constituem, talvez, o principal palco dessa circulação global de estilos e invenções.

## A POLÍTICA DISTÓPICA NA COPA

A Copa de 2026 não representa apenas um momento de transformação técnica. Ela revela igualmente uma profunda alteração na geopolítica do futebol internacional e nas relações de poder entre a FIFA, os Estados nacionais e as grandes potências globais. Do ponto de vista político, passamos de um contexto em que a FIFA mantinha com os países organizadores das Copas do Mundo uma posição de dominação[4] para o seu inverso em 2026, se curvando diante do todo poderoso presidente dos Estados Unidos.

Essa inflexão torna-se evidente quando se observam episódios ocorridos durante a preparação e a realização do torneio. Donald Trump, que fez do próprio nome uma marca política e comercial[5], percebeu rapidamente o potencial simbólico e econômico da Copa do Mundo[6]. A FIFA, por sua vez, mostrou-se receptiva a iniciativas vindas da Casa Branca de uma maneira inédita na história recente da entidade.

Um dos exemplos mais ilustrativos foi a criação do chamado Prêmio FIFA da Paz. A proposta partiu do próprio presidente norte-americano e foi imediatamente acolhida pela entidade máxima do futebol. O fato de Trump ter sido o primeiro agraciado com a distinção gerou ampla repercussão internacional e foi interpretado por diversos comentaristas como uma tentativa de construir uma legitimidade simbólica comparável àquela proporcionada pelo Prêmio Nobel da Paz, frequentemente mencionado pelo presidente norte-americano como um reconhecimento que lhe teria sido injustamente negado. A capa do tradicional jornal esportivo francês L'Equipe retratando Infantino como um fantoche de Trump sintetiza bem a situação[7].

[4] Essa inversão é bem exemplificada quando lembramos da frase que ficou famosa do secretario geral da FIFA Jérôme Valcke em 2014. Descontente com o andamento dos procedimentos para a organização da Copa do Mundo no Brasil, Valcke afirmou que os brasileiros precisavam tomar "um pé no traseiro". A frase em inglês "*kick your arse*" causou uma crise diplomática entre a FIFA e o governo brasileiro. Na época, o ex-ministro do Esporte, Aldo Rebelo, chegou a declarar Jérôme Valcke "*persona non grata*" *o que é de fato uma condenação veemente em termos diplomáticos.* Embora Valcke tenha tentado se justificar alegando um mal-entendido, a frase revelava bem a posição desigual dos parceiros, no caso, do governo Dilma Rouseff e da FIFA. As exigências da entidade máxima do futebol iam ao ponto de se impor ante a Constituição brasileira, como ocorreu com a aprovação da chamada Lei Geral da Copa. O caso brasileiro suscitou debates sobre soberania, governança global do esporte e os limites da autonomia estatal diante de organizações transnacionais com elevado poder econômico e simbólico.

[5] A ponto de incorporá-lo a instituições culturais de grande prestígio, como o John F. Kennedy Center, em Washington, nomeação depois cancelada pela Justiça americana, e ainda em disputa.

[6] A FIFA prometeu um lucro de 30 bilhões de dólares aos Estados Unidos – o que não se realizou pois, hotéis permaneceram vazios (-2,8% em junho) e restaurantes, bares (+ 0,1%) e companhias aéreas (+0,2%) tiveram um aumento insignificante no período. Os empregos caíram no período da Copa: menos 61 mil no setor de lazer e hotelaria e menos 5 mil no de comercio (retail). A FIFA, sim, lucrou: 9 bilhões de dólares com a venda de 6 milhões de entradas e 1.100 bilhões com a televisão (Goldman, 2026).

[7] Capa de 10.06.2026 acessivel no site Globo (2026).

As interferências não ficaram restritas ao plano simbólico. A política migratória norte-americana de Trump teve efeitos diretos sobre a própria competição. O árbitro somali Omar Abdulkadir Artan, considerado um dos principais árbitros africanos da atualidade, teve o visto negado sob alegações genéricas de vínculos com pessoas investigadas por terrorismo, sem que lhe fossem apresentados elementos concretos. A FIFA limitou-se a informar que havia tentado reverter a decisão, mas que deveria respeitar a soberania das autoridades migratórias dos Estados Unidos. Na Somália, Artan foi recebido como herói, e seu impedimento passou a ser visto como mais um exemplo dos efeitos cruéis da política norte-americana de controle das fronteiras.

Situação semelhante atingiu a delegação iraniana. Apesar do cessar-fogo firmado pouco antes da competição, os jogadores não puderam permanecer em território norte-americano entre as partidas disputadas na Califórnia e em Seattle, sendo obrigados a retornar sucessivamente ao centro de treinamento instalado em Tijuana, no México. Ainda mais significativa foi a impossibilidade de grande parte dos torcedores iranianos acompanhar sua seleção, já que cidadãos do país continuavam submetidos às restrições impostas pelo *travel ban*. Medidas semelhantes afetaram torcedores provenientes de diversos países africanos e caribenhos, para os quais os custos de obtenção do visto ou as próprias restrições migratórias inviabilizaram a viagem.

Mesmo para delegações oficialmente credenciadas, os procedimentos de entrada nos Estados Unidos tornaram-se mais rigorosos do que em Copas anteriores. Relatos de revistas extensas, retirada obrigatória de calçados, inspeções conduzidas por agentes do ICE e monitoramento constante das áreas de concentração das seleções tornaram-se frequentes durante o torneio. Pela primeira vez, aspectos da política doméstica de imigração passaram a interferir diretamente na experiência de participantes de uma Copa do Mundo. E de modo seletivo, já que outras delegações não sofreram os mesmos constrangimentos.

As transformações também alcançaram a própria organização do espetáculo esportivo. A introdução dos chamados *cooling breaks*, utilizados não apenas para hidratação dos atletas, mas também para inserção de blocos publicitários televisivos, aproximou ainda mais o futebol dos modelos de comercialização predominantes nos esportes norte-americanos. Na abertura da competição foi incorporado, igualmente, um espetáculo de intervalo inspirado no *halftime show* do Super Bowl, o mesmo ocorrendo no intervalo da final. A BBC de Londres e outras cadeias mundiais, entretanto, recusou-se a transmiti-lo, preferindo manter sua cobertura tradicional, centrada na análise tática e na reprise dos principais lances da partida.

Nem todas as tentativas de americanização prosperaram. Diferentemente do que ocorrera no Mundial de Clubes de 2025 organizado pela FIFA também nos Estados Unidos, quando os jogadores entravam individualmente em campo sob efeitos de luz e apresentações personalizadas, a Copa preservou o protocolo tradicional de entrada coletiva das equipes. A principal inovação foi a participação de todos os jogadores relacionados - inclusive reservas - na cerimônia de execução dos hinos nacionais e no cumprimento entre as equipes.

Também a lógica econômica do evento sofreu alterações importantes. A FIFA passou a adotar de forma ampla sistemas de precificação dinâmica dos ingressos, semelhantes aos utilizados pelas companhias aéreas. Os valores variavam continuamente de acordo com a demanda, tornando praticamente inviável o acesso popular às partidas mais disputadas. A entidade registrou receitas recordes provenientes de direitos de transmissão, patrocínios, hospitalidade e bilheteria, aproximando-se do lucro previsto de 80 bilhões de dólares (Goldman, 2026).

Os preços atingiram patamares inéditos[8]. Segundo estimativas da imprensa econômica, um ingresso para a final custava dezenas de vezes mais, em valores corrigidos, do que o praticado na Copa de 1998, evidenciando uma mudança estrutural no perfil social dos espectadores presentes aos estádios[9].

Ainda assim, houve tentativas de preservar alguma dimensão pública do evento. Em Nova York, o prefeito Zohran Mamdani negociou com a FIFA a disponibilização de mil ingressos ao preço de cinquenta dólares, destinados exclusivamente a moradores da cidade e distribuídos por sorteio. A iniciativa teve alcance limitado, mas representou uma rara tentativa de enfrentar a crescente exclusão econômica produzida pela comercialização do espetáculo esportivo.

Essa elitização do acesso presencial aproxima a Copa do Mundo de outros grandes eventos esportivos globais, como as finais dos torneios de *Grand Slam* no tênis, cujo público é cada vez mais composto por uma elite internacional altamente móvel. A experiência do estádio torna-se progressivamente um bem de luxo, enquanto a maior parte dos torcedores acompanha o torneio por meio da televisão e das plataformas de streaming.

[8] Durante a cobertura da estreia brasileira, uma reportagem da Rádio Gaúcha registrou o depoimento de um torcedor vindo do Pará que afirmou ter desembolsado cerca de R$ 26 mil para assistir à partida. Ainda que o valor provavelmente incluísse despesas de viagem, hospedagem e alimentação, ele ilustra a transformação da Copa em um consumo de luxo.

[9] Segundo a InfoMoney, em 1998 (FR) o preço para assistir a final era de R$ 51. Em 2002 (Japão/Corêia) de R$ 608; em 2006 (Alemanha) 643; em 2010 (África do Sul) R$ 688; em 2014 (Br) R$ 1055; 2018 (Rússia) R$ 1.484; em 2022 (Qatar) R$ 3.428. Ainda que se leve em conta a inflação e a cotação do dólar, a subida para R$ 22.702 é enorme. Agradeço ao Sílvio Ricardo da Silva, coordenador da Linha de Pesquisa Infraestrutura, Estádio, Museu e Memória do Futebol do INCT-Futebol por ter repassado um post do Instagram com esses números.

Paralelamente, também a cobertura midiática apresentou mudanças importantes. O chamado jornalismo de entretenimento ganhou espaço nas transmissões esportivas, aproximando futebol, celebridades digitais e cultura pop. A contratação de influenciadores para comentar a Copa, em detrimento de jornalistas especializados, tornou-se objeto de debate no Brasil, assim como o fato de narradores e comentaristas eles mesmo divulgarem "odds"[10] para apostas esportivas durante as transmissões, refletindo uma transformação mais ampla da indústria da comunicação esportiva.

Nem mesmo o marketing escapou dessa reconfiguração. Adidas e Nike disputaram não apenas seleções nacionais, mas também celebridades globais, artistas, músicos e influenciadores capazes de ampliar a circulação de suas marcas muito além do universo esportivo[11]. O futebol confirma, assim, sua condição de espaço privilegiado de articulação entre economia, entretenimento e indústria cultural.

Houve múltiplas ingerências. Trump conseguiu projetar sua imagem sobre o torneio, retirando a suspensão de um norte-americano que havia recebido um cartão vermelho, mas não conseguiu alterar totalmente seus princípios fundamentais de funcionamento. Sua sugestão de substituir o Irã pela Itália foi rejeitada tanto pela FIFA quanto pelo governo italiano, que reafirmaram o princípio do mérito esportivo como único critério legítimo de classificação. Tampouco prosperou a tentativa de excluir cidades administradas por prefeitos democratas do circuito da competição. O campo futebolístico - nos termos propostos por Pierre Bourdieu (2022) - continua preservando certa autonomia.

Ao mesmo tempo, movimentos sociais também se apropriaram da Copa como espaço de disputa política. Em Nova York, organizações de defesa dos direitos dos imigrantes lançaram a campanha "No ICE in the Cup", organizando redes de apoio para torcedores em situação migratória vulnerável. O futebol voltava, assim, a funcionar como arena de visibilidade pública, na qual conflitos políticos nacionais eram reinterpretados e ressignificados por meio do maior espetáculo esportivo do planeta.

## A COPA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: O FUTEBOL NA ERA PÓS-HUMANA?

Se as Copas do Mundo sempre funcionaram como vitrines de inovações técnicas, táticas e organizacionais, a edição de 2026 inaugura um novo patamar: ela marca a entrada decisiva da inteligência artificial e da captura massiva de dados do jogo. Mais do que um torneio, esta Copa converte-se em um laboratório global de experimentação tecnológica. Se, em outros momentos, as inovações alteravam sobretudo a forma de jogar, agora elas começam a transformar a própria natureza do futebol.

A FIFA, espécie de Estado transnacional do futebol, sempre regulou os elementos fundamentais da modalidade: o tempo da partida, as dimensões do campo, o número de jogadores, os equipamentos e as formas de controle da violência. Tratava-se de uma regulamentação relativamente simples, capaz de ser reproduzida em milhões de campos improvisados pelo planeta. Bastava uma bola, quatro pedras servindo de traves e um espaço minimamente plano para que se pudesse jogar.

Esse caráter universal e acessível sempre foi apontado como uma das razões da extraordinária difusão mundial do futebol. Contudo, a modalidade de alta performance distancia-se progressivamente do futebol praticado em campos de várzea, praias, periferias ou comunidades. A FIFA hoje regula aspectos cada vez mais minuciosos do espetáculo esportivo. A altura da grama tornou-se objeto de normas técnicas rigorosas; discute-se inclusive quais gramados sintéticos poderão ser homologados para competições internacionais. O que antes era um mesmo futebol praticado em diferentes níveis tende agora a fragmentar-se em modalidades tecnologicamente distintas. Ou seja, o futebol de alta performance contemporâneo tende a se distanciar cada vez mais do praticado de modo casual.

A transformação torna-se particularmente evidente quando observamos a evolução da bola. Durante décadas, a FIFA limitava-se a estabelecer peso, circunferência e pressão[12]. As bolas das primeiras Copas, entre 1930 e 1966, eram confeccionadas em couro costurado manualmente, absorviam água e modificavam seu comportamento ao longo da partida. A partir dos anos 1970, materiais sintéticos passaram a substituir o couro, aumentando a regularidade dos quiques e da trajetória.

Cada Copa passou então a apresentar uma bola própria, convertida em objeto simbólico do torneio.

[10] Odds, que em portugês se traduziria por "chances" ou "probabilidades", são os números que indicam a probabilidade de um evento acontecer e o potencial retorno a cada real apostado. A palavra em inglês é comumente usada na mídia.

[11] A marca alemã saiu na frente, não apenas numericamente -14 seleções vestem Adidas, 12 vestem a Nike – mas porque tem sob sua esfera Lionel Messi e Lamine Yamal, as duas maiores estrelas da final da Copa. Os comerciais da Adidas, no país de Hollywood, incluiram celebridades como Trinity Rodman (jogadora do Washington Spirit), Bad Bunny (compositor e cantor) ou Timothée Chalamet (ator), reforçando a articulação entre entretenimento, cultura pop e futebol. Nike optou por uma pub localizada, com astros dos países - por exemplo, no caso da França, associando a marca ao cinema e ao luxo, com Kylian Mbappé. Puma teria sido muito prejudicada, não fosse a campanha nacional que se fez para a presença de Neymar Jr na Copa. Ver: Fofana (2026, p. 5).

[12] Uma circunferência entre 68 cm e 70 cm e um peso, no início da partida, entre 410 g e 450 g.

A Telstar, de 1970, com seus painéis pretos e brancos, dialogava com a televisão ainda em preto e branco. A Tango inaugurou um desenho que permaneceria durante décadas. A Tricolore, de 1998, refletia a consolidação das transmissões em cores. Vieram depois a Teamgeist, com redução das costuras; a controversa Jabulani, da África do Sul, cuja superfície extremamente lisa provocava trajetórias imprevisíveis e pesadelos para os goleiros; a Brazuca, elogiada pela textura mais rugosa e pelo controle aerodinâmico; a Telstar 18, primeira bola equipada com chip para interação digital; e a Al Rihla, no Catar, já integrada ao sistema de impedimento semiautomático por meio de sensores internos. A Trionda representa um salto qualitativo nessa trajetória.

Já não se trata apenas de uma bola. Trata-se de um sofisticado sistema computacional embarcado. Um sensor central opera em frequência de 500 Hz, registrando e transmitindo dados quinhentas vezes por segundo. Filamentos eletrônicos distribuem-se internamente pelos quatro painéis da bola, permitindo identificar com extrema precisão o instante exato do contato com o pé do jogador, calcular velocidade, aceleração, rotação, trajetória, intensidade do chute e inúmeras outras variáveis. Os dados são imediatamente enviados ao sistema do VAR (Vídeo Assistant Referee) e processados por algoritmos de inteligência artificial. O funcionamento da Trionda exige inclusive bateria recarregável - entre uma partida e outra, ela precisa ser conectada à energia elétrica, algo que até recentemente pareceria impensável para um objeto tão elementar quanto uma bola de futebol (Helder 2026).

Pela primeira vez, a bola deixa de ser apenas objeto do jogo para tornar-se também produtora permanente de informação. A bola converteu-se, assim, em um nó de uma vasta rede digital que conecta sensores, softwares, árbitros, estatísticos, analistas de desempenho e empresas de tecnologia.

Mas a bola não é o único corpo monitorado. A FIFA anunciou que todos os atletas participantes da Copa serão submetidos a escaneamentos tridimensionais de alta precisão. Desenvolvidos em parceria com a Lenovo, esses modelos digitais permitirão reconstruir virtualmente cada movimento corporal dos jogadores, oferecendo aos árbitros informações extremamente detalhadas para decisões relativas ao impedimento e outras situações complexas.

Para completar o rol de introduções tecnológicas (ou devemos dizer 'intromissões'?) no jogo, foi lançado o Football AI Pro, plataforma baseada em inteligência artificial destinada às comissões técnicas. O sistema integra imagens, estatísticas, mapas de calor, deslocamentos, métricas fisiológicas e dados táticos, produzindo relatórios automatizados poucos minutos após o término das partidas. O treinador passa a dialogar não apenas com sua comissão técnica, mas com um sistema algorítmico capaz de sugerir interpretações sobre o jogo.

Em outras palavras, a inteligência artificial deixa de ser apenas instrumento auxiliar da arbitragem para penetrar também nos processos de treinamento, planejamento estratégico e tomada de decisão. Tudo isso aprofunda a distância entre o futebol de alta performance e o futebol casual.

Trionda, a bola desta Copa, é uma cápsula espacial de voo curto. Ela vai muito além da bola sonora dos cegos, criada na Espanha, artesanalmente, com guizos introduzidos na bola, de modo a transformar o som em uma referência espacial para os atletas. A Trionda dificilmente circulará nos campos de terra, nas praias, nos "babas", nas "peladas", nos jogos comunitários ou nas várzeas urbanas. O futebol continua sendo formalmente o mesmo esporte, mas suas condições materiais tornam-se cada vez mais distintas. Como ocorre na Fórmula 1 em relação ao automóvel comum, o futebol das grandes competições aproxima-se progressivamente de uma atividade altamente tecnologizada, acessível apenas às instituições capazes de financiar equipamentos extremamente sofisticados.

Sob essa perspectiva, a Copa de 2026 pode ser interpretada como um momento emblemático daquilo que Gustavo Lins Ribeiro (2026) denomina de tecno-oligarquia contemporânea: a crescente articulação entre grandes empresas tecnológicas, inteligência artificial, concentração econômica e novas formas de poder global.

Como toda tecnologia cuja lógica permanece opaca para a maioria das pessoas, entretanto, a Trionda também produz rumores. Os rumores constituem narrativas coletivas que circulam justamente nos momentos em que o controle social parece escapar aos indivíduos (Rial 2003). Pouco importa, do ponto de vista antropológico, se são verdadeiros ou falsos. Mais relevante é compreender os medos, ansiedades e imaginários que expressam[13].

Que rumores produzirá uma Copa governada por algoritmos? Quem controla efetivamente a Trionda? Se ela transmite informações com tamanha precisão, poderia também receber comandos? Uma bola equipada com sensores, conectada permanentemente a sistemas digitais, permaneceria inteiramente autônoma? Até que ponto decisões automatizadas podem ser auditadas? Quem controla os algoritmos que passam a mediar aspectos decisivos da competição?

Independentemente das respostas, uma coisa parece evidente: a Copa de 2026 representa um marco na transformação tecnológica do futebol. A inteligência artificial deixa de ocupar apenas os bastidores da competição e passa a integrar diretamente o próprio jogo.

[13] Em Cabo Verde, por exemplo, ainda circulam interpretações segundo as quais a eliminação da seleção para a Copa de 2014 teria resultado não apenas de um erro administrativo envolvendo cartões amarelos, mas também de interesses ocultos da FIFA, supostas manipulações extracampo e negociações invisíveis entre dirigentes. Esses rumores dizem menos sobre o fato ocorrido do que sobre a percepção de assimetria entre pequenas federações e as grandes estruturas internacionais do futebol.

Pela primeira vez, talvez possamos falar não apenas de uma Copa tecnológica, mas de uma Copa pós-humana, na qual jogadores, sensores, algoritmos e sistemas computacionais passam a formar uma mesma rede de produção do espetáculo esportivo.

Essa é uma de suas faces. Mas não é a única. Como toda Copa do Mundo, esta também continuará sendo um espaço de disputas políticas, afetos nacionais, performances corporais e imaginação coletiva - dimensões que nenhuma inteligência artificial parece, ao menos por enquanto, capaz de substituir.

## O HUMANO (MALANDRO) NA COPA

Se a Copa de 2026 revelou o avanço da inteligência artificial, da vigilância (Rial 2019) e da mercantilização do futebol, ela também reafirmou a persistência de uma dimensão que nenhum algoritmo parece capaz de substituir: a da nação e dos afetos humanos.

A nação permaneceu no centro tanto da Copa de 2026 quanto provavelmente permanecerá na de mulheres, em 2027. Em campo estiveram quarenta e oito seleções nacionais; nas arquibancadas, milhões de torcedores mobilizaram sentimentos patrióticos raramente concentrados, de forma simultânea, em um único acontecimento global.

Os Estados nacionais são construções históricas e políticas, frequentemente arbitrárias em suas fronteiras. As nações, ao contrário, constituem comunidades imaginadas (Anderson, 2020) que organizam afetos, pertencimentos e responsabilidades. Como observa Appiah (1991), o patriotismo diz respeito menos às ações do que aos sentimentos. Quando o hino nacional é executado ou quando uma seleção marca um gol decisivo, produz-se uma emoção compartilhada que ultrapassa largamente o campo esportivo.

As nações frequentemente significam mais para seus habitantes do que os próprios Estados que administram suas vidas. A nação sérvia e a nação bósnia sobreviveram ao desaparecimento do Estado iugoslavo. A incapacidade de construir uma identidade nacional iugoslava esteve entre os fatores que culminaram na desintegração daquele Estado e nas guerras dos Bálcãs entre 1992 e 1995. O futebol não permaneceu alheio a esse processo. Uma inscrição no estádio Maksimir, em Zagreb, afirma que "aqui começou a guerra com a Sérvia", atribuindo ao confronto entre Dinamo Zagreb e Estrela Vermelha, em maio de 1990, um papel fundador do conflito.

A própria seleção da Bósnia e Herzegovina constitui hoje uma tentativa permanente de produzir uma identidade nacional comum. Ela reúne jogadores provenientes de comunidades bósnias muçulmanas, sérvias ortodoxas e croatas católicas, embora os clubes continuem fortemente associados a essas clivagens étnicas: o FK Sarajevo permanece identificado com os bósnios; o Zrinjski Mostar com os croatas; o Borac Banja Luka com os sérvios. Apenas o Željezničar conserva uma identidade assumidamente multiétnica. A seleção nacional procura transcender essas divisões e, nesta Copa, conseguiu fazê-lo de maneira particularmente convincente.

Entre as manifestações nacionalistas mais discretas e ao mesmo tempo mais eloquentes do torneio destacou-se a dos jogadores iranianos. Ao desembarcarem em Tijuana, no México, eles portavam discretamente na lapela um pequeno pin dourado com o número #168. O número remetia às 168 vítimas - entre elas cerca de 150 meninas e suas professoras - mortas no bombardeio norte-americano da escola Shajareh Tayyebeh, em Minab, no primeiro dia da guerra de Israel-Estados Unidos contra o Irã. Dias antes, em amistoso preparatório contra a Nigéria, realizado em Belek, na Turquia, os mesmos jogadores haviam entrado em campo segurando pequenas mochilas lilases, enfeitadas com laços, evocando as vidas interrompidas daquelas meninas. Tratava-se de um gesto político silencioso, impossível de ser capturado pelas estatísticas produzidas durante a partida.

Mas a Copa também produziu manifestações afetivas que ultrapassaram o nacionalismo. Marrocos já havia oferecido um belo exemplo na Copa de 2022, quando Sofiane Boufal comemorou a histórica classificação para as semifinais dançando com sua mãe no gramado. Outros atletas marroquinos repetiram o gesto ao longo da campanha, tornando as mães protagonistas inesperadas daquele Mundial. Nico Williams fez algo semelhante ao entregar à mãe a medalha conquistada na Eurocopa e o repetiu na final da Copa de 2026. "Ela atravessou o Saara para que eu pudesse viver", afirmou. O gesto deslocava o centro da celebração esportiva para uma história de migração, sofrimento e cuidado.

A Copa de 2026 voltou a produzir outras cenas semelhantes. Teboho Mokoena, da África do Sul, chorou durante a execução do hino nacional. Também os colombianos James Rodríguez e Luiz Soares emocionaram-se ao ouvirem o hino do seu país. Lionel Messi, já seis vezes eleito o melhor jogador do mundo, milionário e consagrado como o maior futebolistas do século, voltou a chorar após marcar um de seus gols pela Argentina. Nada disso parecia calculado. Eram emoções genuínas que escapavam à lógica dos algoritmos.

Também escapou aos algoritmos a atuação de Vozinha, goleiro cabo-verdiano de mais de quarenta anos, então atuando na segunda divisão portuguesa. Contra todas as previsões estatísticas, foi decisivo no histórico empate de Cabo Verde diante da Espanha, campeã europeia, e da Argentina, campeão sul-americana. Seus pais não puderam assistir à partida porque não obtiveram visto para entrar nos Estados Unidos nem dispunham dos recursos necessários para arcar com os elevados custos impostos aos cidadãos cabo-verdianos. O goleiro carrega, inclusive no apelido, uma homenagem à avó que o levava aos treinamentos quando criança, lembrando que as trajetórias esportivas continuam sendo produzidas por redes familiares de cuidado invisíveis às grandes análises de desempenho.

Foi, porém, outro personagem improvável que sintetizou melhor a resistência do humano diante da crescente racionalização tecnológica do futebol.

Na repescagem para a Copa, Itália e Bósnia empataram por 1 a 1 no tempo regulamentar. A vaga seria decidida nos pênaltis. Como fazem hoje praticamente todas as grandes seleções, Gianluigi Donnarumma mantinha junto à sua toalha uma folha contendo informações detalhadas sobre cada cobrador bósnio: direção preferencial das cobranças, velocidade, hábitos e padrões identificados pelo departamento de análise de desempenho após examinar centenas de vídeos.

Foi então que Afan Cizmić, um gandula de apenas catorze anos, percebeu a importância daquele papel. Entrou rapidamente em campo, surripiou a folha e a escondeu antes do início das cobranças. Donnarumma procurou inutilmente suas anotações. Sem o apoio da inteligência estatística produzida pelos algoritmos, defendeu nenhum dos quatro pênaltis. A Bósnia venceu por 4 a 1 e eliminou a Itália de sua terceira Copa do Mundo consecutiva.

Afan transformou-se imediatamente em herói nacional. Foi recebido no vestiário, abraçado pelos jogadores, entrevistado pelas emissoras de televisão e celebrado pelos torcedores como símbolo da classificação histórica.

Seu gesto remete diretamente ao malandro descrito por Roberto DaMatta (1997): aquele personagem capaz de subverter sistemas rígidos por meio da inteligência prática, da improvisação e da astúcia. Recorda também os "conhecimentos de esquina" de que fala McLaren (1991): saberes produzidos fora das instituições formais, mas frequentemente capazes de desmontar racionalidades excessivamente burocratizadas.

Nenhum algoritmo previu Afan. Talvez seja essa uma das principais lições antropológicas da Copa de 2026. Apesar da inteligência artificial, da vigilância permanente, das apostas esportivas, da captura massiva de dados e das ingerências políticas, o futebol continua sendo um espaço onde o imprevisto, o acaso, a criatividade e as emoções humanas preservam um papel decisivo.

Talvez por isso ainda seja possível sustentar uma utopia: a de que as próximas Copas continuem sendo, antes de tudo, Copas de seres humanos, e não de algoritmos; de jogadores, e não de avatares; de encontros, e não apenas de bancos de dados. E talvez possamos imaginar, um dia, uma Copa verdadeiramente inclusiva, em que homens e mulheres, pessoas cis e trans, atletas com e sem deficiência compartilhem um mesmo grande torneio. Trata-se, sem dúvida, de uma utopia. Mas também o futebol, desde suas origens, alimenta-se delas.

## FINANCIAMENTO

O artigo foi realizado com o apoio do CNPq INCT Estudos do Futebol Brasileiro, processo n. 406632/2022-7 a quem agradeço.

## CONFLITOS DE INTERESSE

O autor declara não haver conflitos de interesse.

## DISPONIBILIDADE DE DADOS

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

## CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

O primeiro autor desempenhou todas as etapas.

## REFERÊNCIAS

Anderson B. Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras; 2020.

Appiah KA. Patriotas cosmopolitas. Rev Bras Ci Soc 1991;13(36):1-17.

Bakhtin M. Estética da criação verbal. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes; 2011.

Billig M. Banal Nationalism. Londres: Sage; 1995.

Bourdieu P. Microcosmes: théorie des champs. Paris: Raisons d'agir; 2022.

Burlamaqui LG. A dança das cadeiras: a eleição de João Havelange à presidência da Fifa(1950-1974). São Paulo: Intermeios; 2021.

DaMatta R. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco; 1997.

Damo A, Oliven R. Megaeventos esportivos no Brasil: um olhar antropológico. Campinas: Autores Associados; 2014.

Eco U. Lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos. São Paulo: Perspectiva; 1986.

Fofana B. Marketing: Adidas contre Nike, L'autre match. Libération; 9 jun. 2026.

Freyre G. Sociologia. Rio de Janeiro: José Olympio; 1945. (vol. 1).

Globo. Infantino vira fantoche de Trump em capa de jornal francês, que critica Copa nos Estados Unidos [Internet]. GE; 9 jun. 2026 [citado em 2026 Jun 10]. Disponível em: https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2026/06/09/infantino-vira-marionete-de-trump-em-capa-de-jornal-frances-que-critica-copa-nos-estados-unidos.ghtml

Goldman D. Was the World Cup worth the cost? CNN Business; 21 jul 2026.

Helder D. Trionda: chip, IA e bateria fazem a bola da Copa de 2026 funcionar como um 'computador' [Internet]. G1; 2026 [citado em 2026 Jun 10]. Disponível em: https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2026/06/10/trionda-chip-ia-e-bateria-fazem-a-bola-da-copa-de-2026-funcionar-como-um-computador.ghtml

Hobsbawm EJ. A era das revoluções: Europa 1789-1848. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1977. Etnia e nacionalismo na Europa de hoje.

Mauss M. Essai sur le don. Forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques. L'Année Sociol 1925;(1).

McLaren P. Critical pedagogy: constructing an arch of social dreaming and a doorway to hope. J Educ. 1991;173(1):1.

Rial C. Guerra de imagens: o 11 de setembro na mídia. Florianópolis: Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina; 2003. (Antropologia em Primeira Mão; 64).

Rial C. From panopticon to pananonic: the architecture of fear in mega-events. In: Low S, Maguire M, editors. Spaces of security: ethnographies of securityscapes, surveillance, and control. New York: NY University Press; 2019. p. 99-121.

Ribeiro GL. As ciências sociais e humanas no mundo apocalíptico das (ultra)direitas [Internet]. Blog BVPS; 2026 [citado em 2026 Jun 4]. Disponível em: https://blogbvps.com/2026/06/04/as-ciencias-sociais-e-humanas-no-mundo-apocaliptico-das-ultradireitas-por-gustavo-lins-ribeiro/